



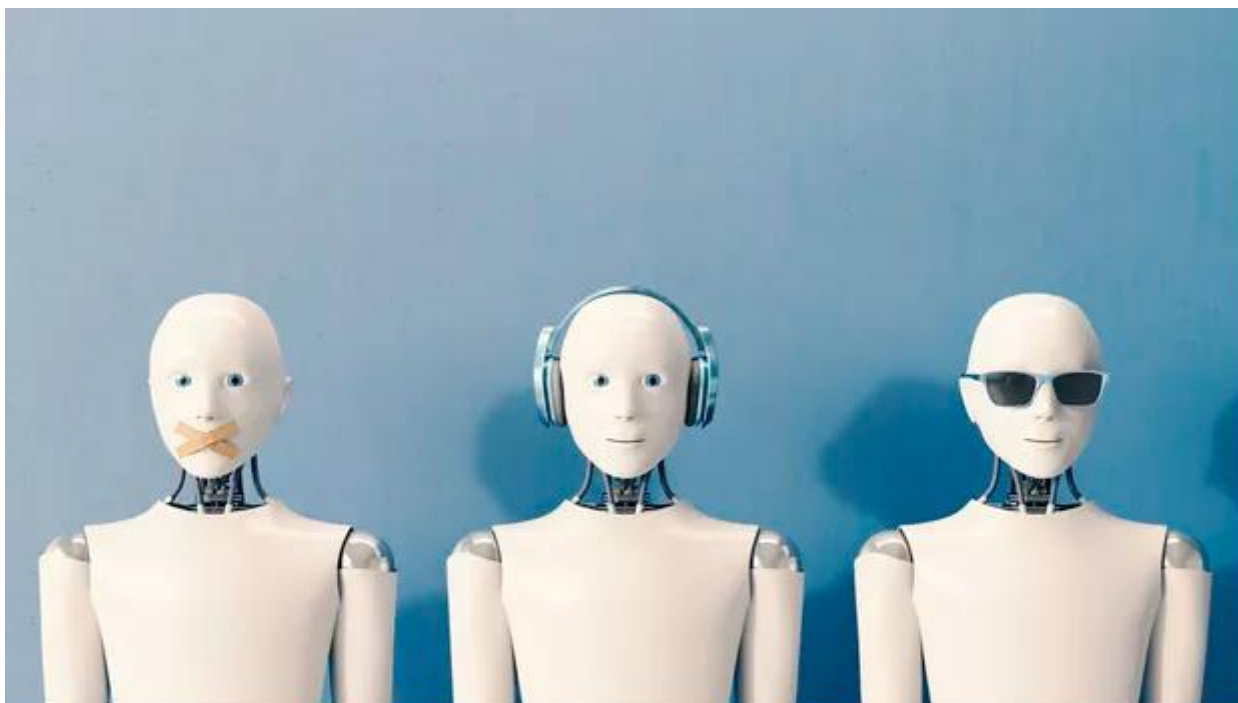
Na Mídia

28/05/2021 | [Época Negócios](#)

Estratégia Brasileira para IA é um passo importante, mas já chega precisando de atualização

Tendência é que ciberataques se intensifiquem; qualquer empresa que lida com dados é um alvo em potencial

Ana Carolina Nunes



Em comparação a outros países do Brics, o Brasil três anos atrás da Índia e dois, da Rússia(Foto: Getty Images)

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) publicou no mês passado a Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial -- EBIA. Com três anos de atraso (a pandemia contribuiu para a demora), o documento foi celebrado pelo

ecossistema de tecnologia e de negócios por ter sido, enfim, formalizado. A "novidade", porém, já chega defasada, avaliam os especialistas. E, com falhas graves de conteúdo, na opinião de alguns estudiosos do tema.

A sociedade passa por um momento crucial no desenvolvimento de diferentes tecnologias --e a crise deflagrada pelo novo coronavírus serviu como um impulsionador de inovações, incluindo os avanços em inteligência artificial (IA). A questão é que essas inovações estão sempre se renovando. O próprio documento do MCTI faz essa observação. "A estratégia deve ser uma política pública constantemente acompanhada, avaliada e ajustada, pois o ritmo da evolução tecnológica da Inteligência Artificial tende a se acelerar", lê-se na apresentação da EBIA..

A China, um dos líderes no uso desse tipo de tecnologia, definiu as bases de sua estratégia em julho de 2017. A Alemanha, em 2018, quando o governo anunciou que destrinaria 3 bilhões de euros para a tecnologia, ao longo de cinco anos. E, desde 2019, os Estados Unidos já têm definidos seu planos para IA. Em comparação a outros países do Brics, nós estamos três anos atrás da Índia e dois, da Rússia.

Para alguns especialistas, o atraso brasileiro tem peso menor quando se considera o conteúdo do documento. "A IA está entrando nas mais diversas indústrias. Tem muitas oportunidades a serem trabalhadas, especialmente quando se fala em ganhar agilidade e competitividade. É um tema mais profundo do que parece", aponta Marcela Vairo, diretora de IA da IBM Brasil.

E é justamente a falta de profundidade ou detalhamento da Estratégia que deixou especialistas descontentes e preocupados sobre o papel do Brasil no cenário global de desenvolvimento e implementação de IA. "Não tem a realidade brasileira no documento, não vemos as potencialidades do Brasil nessa estratégia", diz Fabro Steibel, diretor-executivo do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS-Rio). Para o executivo, o documento ficou muito aquém do que deveria contemplar, como prazos, prioridades e investimentos. "É muito genérico. Não dá pra saber onde alocar recursos, por exemplo. A Estratégia não está em um nível de execução" avalia Fabro. "Isso não é estratégia".

O diretor do ITS lembra que a estratégia de IoT (Internet das Coisas) feita pelo MCTI em parceria com o BNDES, em 2016, foi muito bem elaborada --esse documento, segundo ele, poderia ter usado como referência. "Aquilo, sim, é uma estratégia", reforça. Outro exemplo, seria o que fez a Alemanha. O documento alemão, lembra Fabro, tem "uma parte muito boa" sobre educação voltada a IA. Os escandinavos também merecem elogios do executivo, ao abordar intensamente o tema da sustentabilidade.

Eduardo Magrani, sócio no escritório Demarest Advogados nas áreas de Privacidade, Tecnologia, Cybersegurança e Propriedade Intelectual, e afiliado ao Berkman Klein Center for Internet & Society, da Universidade Harvard, faz coro a Fabro. O advogado e professor também sentiu falta de mais detalhamento e da inclusão da realidade brasileira. "É a Estratégia Brasileira, mas não tem estratégia nem Brasil nesse plano", critica.

Para Eduardo faltam detalhes sobre a aplicação da EBIA nas verticais como agricultura, educação, indústria, com pormenorização sobre investimentos e as idiossincrasias de cada setor impactado pela tecnologia de IA. "É uma falha grave", avalia. Outra falta: a Estratégia não aponta os diferenciais competitivos do Brasil, como fez a Índia ao estabelecer, no caso deles, a oferta de software no mercado global. O advogado é um crítico ferrenho do documento, classificando-o como "trabalho muito amador" e "rascunho de muita coisa". "Assim [o plano] não para em pé. Cadê os detalhes das aplicações?", questiona.

O Brasil foi pioneiro com o Marco Civil da Internet, de 2014, que regula o uso da rede no país, diz Eduardo. Assim como com o plano de IoT, lembra Fabro, definindo o documento como "interessante", ainda não tenha sido efetivamente implementado.

Passo importante

Fabio Rua, diretor de Relações Governamentais e Assuntos Regulatórios da IBM América Latina, concorda com as críticas em relação à demora do documento, mas considera que o plano apresentado está dentro do esperado. “Demorou, mas temos. E o Brasil é o único país da América Latina que tem essa estratégia”, diz. “E ela não tem um fim em si próprio. A jornada é longa e essa estratégia é o começo.” Para ele, o plano ainda vai evoluir e o Brasil pode até mesmo liderar o tema na região, influenciando arcabouços legais e novos desenvolvimentos entre nossos vizinhos.

O diretor é mais um a destacar o plano de IoT do BNDES e chama a atenção para o fato de que, uma estratégia de IA não deve ficar restrita ao MCTI, mas a todos os ministérios ligados a setores que serão fortemente impactados pela tecnologia, como educação, trabalho e agricultura. “A IA vai muito além da tecnologia. O tema é também econômico e social”, defende o diretor da IBM. Por isso, Fabio avalia que a EBIA dá uma boa perspectiva para o o país trabalhar o tema. “De modo geral, traz sim elementos fundamentais para que a gente seja otimista sobre o processo de aceleração de IA no Brasil. Poderia ter estruturado melhor? Poderia, mas o que tem nela é o que precisa ter.”

Estratégica e sem volta

“O lado digital faz parte do Brasil que dá certo”, destaca Fabio. Um exemplo do comentário do executivo é o Centro de Inteligência Artificial (C4AI) inaugurado em outubro do ano passado em São Paulo, fruto de uma parceria da IBM com Universidade de São Paulo (USP) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Com financiamento garantido por dez anos, o C4AI se dedica a desenvolver novas aplicações da tecnologia com foco em cinco frentes de estudos: saúde, meio ambiente, agronegócio, futuro do trabalho e tecnologias de processamento de linguagem em português.

A Microsoft, outra gigante da tecnologia, também vê com otimismo o tema no país. Um estudo encomendado pela multinacional à consultoria Frontier View, lançado no final de 2020, apontou que o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil pode ter um acréscimo de até 4,2 pontos percentuais se o país adotar massivamente as tecnologias de inteligência artificial até 2030. Sob uma perspectiva mais conservadora, esse índice seria de pelo menos 1,8%.

De acordo com o estudo A Inteligência Artificial (IA) na era da Covid-19: Otimizando o papel da IA na geração de empregos e crescimento econômico na América Latina, a adoção da tecnologia pode ser uma ferramenta importante para ajudar o país na recuperação econômica, reduzindo custos, melhorando a arrecadação de impostos e estimulando a liberação de crédito para quem precisa, movimentando os mercados, analisa o documento.

“É uma tecnologia que tem muito potencial e estamos em um momento em que a revolução está acontecendo. Então precisamos pensar em como se preparar para ela e como se vai fomentar a inovação para trazer oportunidades para o país”, indica Elias Abdala Neto, diretor de Políticas Públicas e Filantropia na Microsoft Brasil.

Sendo a IA discutida e adotada em diferentes países e empresas, Elias destaca ser estratégico considerar a perspectiva internacional do tema, e, mais ainda, os aspectos específicos locais para definir como a IA pode ser um fator de competitividade global para o país. “O Brasil não pode se ver como uma ilha. É preciso definir como agregar valor à economia do Brasil nesse novo patamar de competição global”, diz ele.

Para Elias, com um leque tão abrangente da tecnologia, o pensamento não deve ser “o que” ela pode fazer, mas “como fazer” uso da IA. A Microsoft, entre seus projetos utilizando IA, tem uma parceria com o Imazon para o combate ao desmatamento ilegal na floresta Amazônica.

Outro ponto que precisa ser abordado quando se fala em IA, vai além da tecnologia. Seu uso precisa ser avaliado sob aspectos legais, morais e éticos. A União Europeia, por exemplo, está discutindo, no momento, a regulação para

aplicação de IA e, entre os principais pontos, está o reconhecimento fácil, que traz uma série de questões relacionadas a privacidade, proteção de dados e segurança pública.